REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 826

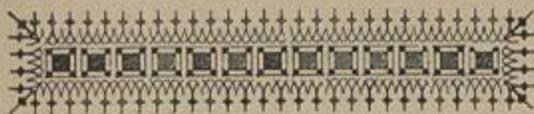
10 DE DEZEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

A TRASLADAÇÃO REAL NA BATALHA — UM PORTICO DO MOSTEIRO

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha dias fóra de Lisboa, lendo rarissimos jornaes, esses mesmos um pouco ao acaso e sem poder tomar apontamentos, depois d'umas horas no Porto, alegres e curtas, aqui vim para Coimbra, d'onde lhes escrevo.

Não lhes farei da cidade a discripção. Desde os mais celebrados poetas até ao saudoso conselheiro Accacio, quantos pegaram n'uma penna em Portugal se metteram a falar do Mondego e dos estudantes, de boas partidas e da Fonte dos Amores, da Lapa dos Esteios e de lyrismos.

Um pouco incommodado de saude, mal tenho sahido de casa. Mas as janellas do quarto d'onde lhes escrevo, dão para a Quinta de Santa Cruz e n'este dia lindo seria prazer immenso olhar para essas arvores frondosissimas, se o máo gosto não sei de quem não tivesse, ali muito perto, erguido a antipathica penitenciaria.

Para quê? Para que lançar aquelle triste borrão no céo azul por cima das copas dos loureiros?!

Pouco lhes posso contar do congresso colonial. Nada lhes sei dizer das ultimas noticias do Zacconi.

Entretanto foram factos importantes, cortando a monotonia do ramerrão lisboeta.

No Porto, quando de lá sahi, falava-se muito da exposição d'aves que devia inaugurar-se d'ali a dois dias no Palacio de Crystal.

Deviam as senhoras apresentar as novas modas de inverno e não deixava de ser um dos grandes attractivos da exposição.

Mas quiz a minha má fortuna que nem d'essa festa eu pudesse dar noticia.

Como assumpto principal de conversação, ainda encontrei o grande sarau do theatro do Principe Real, em homenagem á memoria querida do grande maestro Cyriaco Cardoso.

A commoção ainda não passou aos que assistiram a essa recita e á manifestação feita a Affonso Taveira, seu promotor d'ella, amigo dedicadissimo do morto, n'esse dia trasladado para o cemiterio do Repouso. Correram lagrimas de muitos olhos e as filhinhas de Cyriaco obtiveram a segurança de mais um bocadinho de pão em sua vida.

Lá vão crescendo as orphãsinhas aconchegadas pelo amor da mãe extremosa, vigiadas pelo carinhoso coração de Taveira, que, dia a dia, vai encontrando maneiras de suavisar-lhes a desgraça.

N'essa recita tomaram parte, como já aqui dissemos, Brazão e Rosa Damasceno, que haviam ficado no Porto, emquanto o resto da companhia do theatro D. Amelia tinha ido ao Minho dar uns espectaculos.

Tambem d'elles se falava muito, e tamanha foi a concorrencia ao theatro de S. João, por tal fórma se succederam as enchentes, que, segundo constava, o Visconde de S. Luiz de Braga havia feito um contracto com a empreza do theatro portuense por cinco annos, devendo a companhia do D. Amelia fazer ali duas temporadas cada anno, em abril e novembro.

Mas se no Porto se falava de theatros, esse tambem era o grande assumpto em Lisboa, quando de lá sahi.

Zacconi!... Não hão de facilmente esquecer-se as recitas d'elle, como não esquecem as de Novelli, Emmanuel e Duse. Se até de Rossi tanto se fala ainda e do Salvini que nos visitou ha mais de trinta annos!

As peças, quando desempenhadas pelos grandes artistas, não se fundem umas nas outras, não empastam os contornos, nunca suas tintas nos apparecem apagadas. Tanta alma um grande actor põe n'uma personagem, que esta resalta e tem vida propria inconfundivel. Li algures, que os grandes genios não se amoldam ás personagens que teem de representar, mas amoldam estas ao seu feitio. Nunca maior despauterio se subscreveu com maior audacia. Como se os verdadeiros genios carecessem d'esse recurso, que não passa de uma habilidade, com que muita vez se destroe completamente a obra d'um auctor! Pois a Duse da *Casa de Boneca* é a Duse da *Cavallaria Rusticana*? E' Zacconi o mesmo quando representa *O Pão Alheio* ou faz a grande scena do bebado no *Poder das Trevas*?

Quereria descrever o que foram as ultimas recitas, mas nem pelos jornaes d'ellas tive noticias.

Alguma coisa quereria tambem aqui deixar archivado sobre o Congresso Colonial, mas tenho que limitar a minha noticia á sessão real de abertura, que se realisou no dia 2, pelas 2 horas e meia da tarde.

A sumptuosa sala *Portugal* da Sociedade de Geographia achava-se artisticamente decorada com variadas bandeiras que pendiam do tecto e n'ella fôra armado o estrado presidencial, forrado de velludo carmesim.

El-rei, que presidiu á sessão, era acompanhado pela Rainha sr.ª D. Amelia e Principe Real D. Luiz.

As galerias estavam cheias de senhoras.

Tomou primeiramente a palavra o sr. conselheiro Ferreira do Amaral, seguindo-se-lhe os srs. Ernesto de Vasconcellos, dr. Silva Telles e ministro da marinha.

Em seguida a estes oradores, tomou a palavra o sr. D. Carlos, declarando aberta a sessão do congresso e dirigindo palavras de louvor á Sociedade de Geographia.

N'esse mesmo dia inauguraram-se os trabalhos na primeira sessão nocturna.

Trabalha-se! E por isso nos lembra agora um que vimos, muita vez, dedicar-se com toda a alma a assumptos de interesse colonial e que a morte um dia d'estes roubou á amizade de seus companheiros.

Fernando Pedroso, embora militando no partido miguelista, nunca deixou de prestar seu concurso a todos os trabalhos d'onde proviesse qualquer bem á causa nacional, pondo-se ao lado de seus adversarios politicos, que todos o tinham em alta estima pelo seu valor intellectual e consideravam pela sua honradez.

Ainda nos lembra aquella noite no salão do theatro da Trindade, quando se inauguraram os trabalhos da grande subscripção nacional, em 1890. O dr. Fernando Pedroso fazia parte da mesa, tendo por companheiros o Marquez de Pomares na politica activa, e Magalhães Lima republicano.

Honrando os que trabalham, vai, segundo dizem os jornaes, inaugurar-se brevemente um pequeno monumento á memoria de Eça de Queiroz, o qual será levantado no Largo do Quintella, á sombra da palmeira, e de cuja execução foi encarregado o esculptor Teixeira Lopes.

Voltando do Porto para Coimbra, tive o gosto de viajar com o editor Lello, que me disse estar tratando de archivar todos os artigos de Eça de Queiroz, espalhados por varios jornaes de Portugal e Brazil, e outras publicações, das quaes tenciona fazer alguns volumes, que espera ter todos publicados no praso de tres annos.

Os amigos do grande romancista encontrarão decerto no editor Lello um grande auxiliar para tornar mais conhecido o escriptor a quem desejam prestar homenagem e mais facil depois d'essa publicação lhes será levar a obra a bom termo.

Os que mais trabalham nem sempre são aquelles que depois são recompensados com celebridade. Muita vez se lhes paga mal.

Até ás vezes acontece a fama ir procurar aquelles cujo trabalho se resume em ver como não hão de trabalhar.

Outra vez agora, por uma confusão de nomes, que deu motivo a que se cuidasse que ella havia morrido, muito se tornou a falar da celebre gatuna *Giraldinha* e, á laia de necrologio, novamente foram contadas suas proezas.

Eram algumas de primeira ordem e revelavam talentosa fantasia. Não admira que os policias a odiassem, porque não só lhes dava trabalho, mas, ainda por cima, os fazia cahir nas mais hilariantes arioscas.

Está viva e capaz de muitas outras. E realmente é preferivel que ella ainda por ahi dê mais um nadinha que falar do que sabel-a n'um d'aquelles horriveis edificios como esse que ali vejo defronte da minha janella, sobranceiro ao Mondego, a atirar seu arreliante zimborio, n'este dia lindo, por cima d'aquellas arvores copadas.

Estraga a paisagem d'esta encantadora Coimbra.

E hoje é dia de alegria. E' logo á noite o baile dos ursos. Não falam n'outro assumpto os estudantes.

Vi-os hontem no circo Feijóo. Vinha tudo abaixo com palmas, quando, fazendo alas aos artistas que iam entrando, appareciam quatro damas de pantalonas encarnadas. Um delirio!

Coimbra é cheia de attracções. São de tradição em Coimbra taes enthusiasmos no theatro. Ha hoje velhos que ainda se recordam do que fizeram á Volpini. Se ella é viva e ainda se recordará dos velhos?

Se elles a vissem agora! Se ella os visse!

João da Camara.

ESTUDOS ECONOMICOS

Alfandegas

IV

Disposições legislativas que em outro qualquer ensejo produziriam beneficos resultados, n'este periodo da nossa historia economica foram inefficazes, porque eram fundos os vicios de todo o systema. Esta verdade, que evidenceiam as leis economicas da epocha, é principalmente applicavel aos melhoramentos feitos nas leis aduaneiras.

Depois do seculo XVI a reforma dos foraes aboliu o imposto sobre o transito; as pautas fixaram direitos não muito elevados sobre as mercadorias; e os regimentos, estabelecendo um systema uniforme para a sua percepção, centralisaram o mais possivel o serviço das alfandegas.

De que valiam porém estas vantagens?

A suppressão dos direitos sobre o transito é um grande beneficio para o commercio, cuja vida activa demanda facilidade nos transportes e rapidez nas transacções. N'esta epocha porém a vantagem apontada não passou da letra dos foraes; para as mercadorias transitarem pelo interior de um paiz não é bastante o desapparecerem os direitos que tolhem essa livre circulação, é necessario tambem que as leis e as auctoridades garantam a segurança da propriedade. Pelos documentos legaes da epocha vê-se que tal segurança não existia[1]; e se faltava a segurança aos mercadores, não lhes sobejavam os carros para transporte e conducção, os almocreves para as cargas. O que porém mais difficultava o transito eram as estradas obstruidas e os caminhos intransitaveis. O poder absoluto recebia grande numero de impostos[2]; mas, attento e voltado para as grandes conquistas, se auferia grande acervo de contribuições, todas dispendia em obras ephemeras, que ostentavam sua grandeza, mas não curava dos uteis melhoramentos, de que os vassallos tirariam vantagem directa.

N'estas circumstancias não admira que a suppressão do direito de passagem pouco ou nada facilitasse o commercio; supprimido elle, lá estavam ainda, e mais augmentados, os impostos de barreiras, e até na cidade do Porto mercadorias entravam, que, tendo já pago uma dizima ao rei, iam de novo pagal-a á egreja. Além d'isso as disposições vexatorias dos regimentos das alfandegas não permittiam o gyro das mercadorias e o desenvolvimento das permutações no interior do reino.

Hoje as mercadorias vão aonde os justos interesses as enviam, e aonde é maior a sua procura; n'essa epocha não acontecia assim. As mercadorias, que, despachadas n'uma alfandega, levavam guia para certo logar do reino, haviam por força de ir para esse logar dentro de certo praso, e não se podiam afastar de caminho direito[3]. Os mercadores, cujas fazendas eram despachadas para esses logares, tinham de apresentar dentro de quatro mezes certidões de como — «descarregaram as ditas fazendas nos logares para onde levavam despacho para n'elles se gastarem; e os que lhes comprarem apresentarão certidão da dita compra[4]». Além d'isso os officiaes das alfandegas, que despachavam fazendas que se destinavam aos logares da raia, só podiam despachar a quantidade «que provavelmente se possa nelles gastar[5]».

Por estas e outras disposições[6], que a estreiteza d'este trabalho não consente enumerar, conhece-se que a abolição do direito de transito foi

[1] Ord. Philip., liv. 5.º, tit. 86.

[2] Pelo regimento dos veedores da fazenda, ordenado em 1513, mas concluido em 1516, se conhece quaes eram nesta epocha as rendas e direitos que pertenciam ao rei, porque se ordenava que os dictos veedores arrecadassem — «todas as nossas rendas, direitos, foros, tributos, censos, emprazamentos, jugadas, oitavos, reguengos, montados, descaminhados, rios, pescarias d'elles, ressios, pacigos, contados, soutos, sesmarias, mattas, cazaes, herdades, olivaes, padroados de egrejas, bens de intestados, cousas de rendas de vento, peixes reaes, apparelhos de navios que se perdessem no mar, a que não fossem sabidos donos, e quaesquer outras cousas que nos pertencem, e devam e possam pertencer por qualquer via que seja em os dictos almoxarifados e comarcas de que cada um dos dictos officiaes teem cargo.»

[3] Capitulos XVIII e XX, do Regimento de 1763. Poz em vigor a este respeito as disposições dos regimentos dos seculos XVI e XVII.

[4] Cap. XXXIX do Regim. cit.

[5] Cap. XXXX do Regim. cit.

[6] As leis contra os atravessadores tambem deviam concorrer para restringir o commercio no interior do reino, porque, obrigando os productores a levarem ao mercado a sua producção, iam contra o grande principio da divisão do trabalho, alem de tolherem a liberdade do individuo. Vide o Alv. de 11 de junho de 1644, em que se accrescentam as penas da Ord., liv. 5, tit. 76 contra os atravessadores de pão, e o Alv. de 20 de outubro de 1651, em que se determina que se não compre pão para revender, com pretexto de carta de visinhança, nem fóra dos logares deputados para a venda d'elle, etc.

remedio insufficiente, visto todo o commercio estar subjeito a estas e outras medidas, que por todos os lados lhe suggeriam obstaculos. Assim a falta de communicações e transportes, os impostos onerosos á porta das cidades, os direitos nas alfandegas, e as restricções e medidas vexatorias dos regimentos, tudo n'esta epocha, mais ainda do que no passado, devia tolher, pear e até suffocar todo o commercio no interior do reino.

Os direitos que pagavam as mercadorias nas alfandegas exteriores não eram muito elevados, pois que, ainda hoje, quer na entrada quer na saída, em algumas nações há productos que pagam 20, 25 e 30 por cento; e até a egualdade de direitos para a generalidade das mercadorias nos indica que essas pautas não tinham em vista proteger industrias nacionaes: tinham simplesmente um caracter fiscal. Mas, se os mercadores não podiam queixar-se do gravoso dos direitos nas alfandegas, podiam fazel-o, e com justiça, contra a lei dos alealdamentos, cuja execução os reis fiscalisavam severamente, incitados pelas côrtes.

Podiam queixar-se contra o imposto da siza, que, recahindo sobre a transmissão dos immoveis, moveis e semoventes, na compra e venda por grosso, e na compra e venda a retalho, era altamente lesivo as mercadores, por causa dos repetidos varejos e das oppressões a que os sujeitava; e até porque a compra e venda em nada accrescentava á riqueza publica, nem representava serviço feito pelo estado[1].

Além d'isso podiam queixar-se os mercadores estrangeiros das leis restrictivas, que lhes prohibiam a venda a retalho de suas mercadorias, que os obrigava a entrar por determinados portos, sujeitando-os ás avenças feitas na alfandega de Lisboa; contra a lei dos atravessadores; e, principalmente e sobretudo, da falta de segurança e dos abusos dos empregados fiscaes.

Como já acontecia na edade-media, depois do seculo XV eram os direitos das alfandegas arrendados a particulares: este systema, agora mais do que então, deu logar a que os empregados do fisco, de combinação com os rendeiros das receitas das alfandegas, vexassem, e quasi que impunemente, os negociantes estrangeiros, e principalmente os inglezes. Assim, apezar de haver siza certa para os productos exportados, siza a que o infante D. Pedro tinha addicionado 4 por cento, o que se conservou no tempo de D. Affonso V e de D. João II, apezar de D. Duarte ter concedido que na siza dos vinhos o tributo fosse pago segundo o preço da compra, quer a colheita procedesse dos vinhos do Ribatejo e de Almada, quer da Azoia, Via Longa e Alemquer; é certo que os exactores, fingindo ignorar as disposições regias, abusavam a seu talante dos mercadores estrangeiros[2]. Egualmente commettiam extorsões nos portos seccos contra os mercadores portuguezes, demandando os injustamente, ou perseguindo-os por direitos pagos tres e quatro annos antes[3].

Agora, em face de todos estes erros e abusos, comprehende-se facilmente quaes foram as causas que influiram na declinação rapida do nosso povo. O grande acervo de impostos, muitos dos quaes eram lançados a arbitrio do poder absoluto, e sem base ou systema fixo, pela sua exaggeração tolheram o desenvolvimento progressivo da materia contribuinte; ergueram obstaculos permanentes á desinvolução natural da riqueza publica; e por isso, causando o rebaixamento physico das populações, impossibilitaram todos os melhoramentos moraes e intellectuaes das classes infimas. O grande numero de empregados que recebiam essas contribuições eram outros tantos braços roubados aos trabalhos productivos. Assim, na phrase de um classico, a vida do nosso povo foi n'esta epocha sem descanço, cheia de trabalhos, dôres, afflicções grandissimas e sobretudo pobreza, que é o remate de todos os males.

As queixas nas côrtes de 1472 a 1473, nas côrtes de 1481 a 1482, nas de 1535, e nas de Thomar, contra as leis prohibitivas, contra as espoliações da nobreza, contra os abusos dos empregados fiscaes, e contra o grande numero de contribuições, que abafavam as forças productivas da nação, melhor fazem sentir essa miseria; são o triste commentario do povo, que, erguendo voz plangente, ia reclamando, e assim enlutava o reinado feliz do governo absoluto, e o do seu sequito brilhante.

Nas côrtes de Thomar a nação, avergada ao peso de tantas oppressões e desgraças, e sentindo fugir-lhe a vida, saudou (como diz um nosso illustre escriptor)—em Philippe II a sua ultima esperança. Queixou se da pobreza das lavouras e da reforma dos foraes decretada por D. Manuel; requereu ao rei que abrisse as fronteiras de Castella á saida do trigo, das madeiras, dos cavallos e dos couros, para acudir ás exigencias do consumo, e que *moderasse os direitos exorbitantes e a cobrança vexatoria das pautas dos concelhos*. Representou a oppressão causada pela natureza dos prasos de muitos mosteiros e egrejas, e supplicou que fossem todos convertidos em fateusins perpetuos. Reconhecendo que a esterilidade existia ha muitos annos, rogou ao soberano que vedasse a exportação dos cereaes[1].

O rei respondeu como se vê da ordenação philipina[2]. Mas debalde. Algumas reformas parciaes e privilegios concedidos aos agricultores não eram remedio sufficiente, porque o mal estava no fundo das cousas. Só uma revolução profunda poderia acabar com os privilegios da egreja e dos solarengos, e com o poder ilimitado dos reis, e essa não poderia ser de iniciativa real. O braço do povo também a não poderia fazer; a contar do seculo XV, os parlamentos portuguezes tinham perdido o seu valor, e eram mais de apparato e pura formalidade que de substancia[3]. Convocados apenas, quando para os casamentos da casa real, ou para incetar novas guerras, era necessario lançar novos impostos, já não tinham a força que os fez respeitar na edade-media. Assim, tudo foi em continua decadencia. No governo de D. João III, digno de lastima é o estado do reino[4], moral e economicamente perdido; de 1530 a 1580 decresceu sensivelmente a população; e, se para esse depauperamento não pouco concorreram os terremotos, as pestes repetidas, a expulsão dos mouros e judeus[5], a attracção de gente pelo claustro[6], e as guerras continuadas, é certo que de todos o flagello mais cruel nascia da accumulação dos dizimos com o tributo lesivo das jugadas, ou com as rações, forragens e serviços aggravados pelas sizas, pelas fintas e talhas municipaes, e pelas pautas concelhias.

O systema prohibitivo e outras disposições relativas ás alfandegas mais exacerbavam a desgraça publica; e por isso no seculo XVII, após a grande esterilidade de 1632, mas em vida de Manuel Severim de Faria, andavam esmolando pelas villas e cidades tão grande numero de vadios, homens e mulheres, que pareciam exercitos[7]: «e a desculpa que dão para pedirem é dizerem que não acham em que trabalhar». O desejo de um melhor futuro incitou desde logo a emigração. Iam uns para as conquistas, attrahidos pela sêde do ouro; outros, pela facilidade da visinhança, iam para Castella; assim, n'esta epocha de tanta grandeza ephemera, poucos arroteavam as terras, e a producção era devida principalmente aos cafres e indios, trazidos das conquistas.

Conde de Valenças.

[1] Severa era a fiscalisação do imposto da siza, e immediato o contacto dos empregados fiscaes com os mercadores. Repetiam-se os varejos, para examinar se nos logares existiam exactamente as mercadorias, registadas nos livros das alfandegas e nos livros das sizas; e quando os mercadores vendiam qualquer peça de panno levavam o ultimo retalho d'essa peça, com o sêllo da alfandega, ao escrivão d'esta, para depois de junctos todos os sêllos haver o pagamento da siza. Todo este processo tinha em vista evitar o contrabando e o descaminho dos direitos. Regim. das sizas de 6 de março de 1509; Coll. de Pedro Monteiro, vol. 1.º, pag. 258 a 281.

[2] O que melhor se conhece das queixas dos negociantes inglezes, a que tractou de providenciar a carta de 20 de fevereiro de 1458, em que D. Affonso V concede varios privilegios e immunidades aos negociantes estrangeiros. Isto foi em côrtes de Torres Novas; mas os abusos e vexames feitos aos estrangeiros continuaram até ao seculo XVIII, o que se deprehende das reclamações, que elles fizeram mais de uma vez para que aquelles privilegios lhes fossem confirmados; signal evidente de que tinham sido obliterados na pratica. Assim D. Manuel revalida esses privilegios no Alv. de 6 de março de 1536, tambem de Evora, e em 25 de abril de 1610 uma provisão de Filippe III manda passar aos negociantes britanicos certidão d'esses privilegios e immunidades, que já lhes tinham sido outorgadas em 1458.

[3] Côrtes de Evora, de 1481 a 1482.

[1] Côrtes de Thomar, cap. XXIX e XXX; sr. Rebello da Silva, Hist. vol. IV, pag. 448.

[2] Ord. Philip., liv. 5, tit. 112 e 76; liv. 5, tit. 116 § 1 e 4 e 87 §§ 1 e 3; liv. 5, tit. 112 §§ 6 e 7; liv. 5, tit. 112, §§ 1, 2 e 3; liv. 2, tit. 58 e 33; liv. 3, tit. 86, § 24. Vide tambem o Alv. de 22 de dezembro de 1604, já citado.

[3] Sr. A. Herculano, *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, t 1, p. 182.

[4] Vide a descripção, que, do estado do paiz, faz o sr. A. Herculano na obra já citada, a p. 184.

[5] A legislação, respectiva á tolerancia dos judeus, do liv. 2 do Cod. Aff., falta em ambos os do sr. rei D. Manuel, pag. XXI da intr. ás Ord. Manoel.

[6] Nas memorias de Mr. d'Ablancourt, embaixador de Luiz XVI em Portugal, memorias que encerram a historia politica da nação portugueza, desde o tractado dos Pyreneos de 1659 a 1668, encontra-se o seguinte a paginas 27: — «Todo este reino não é muito povoado, e o campo de Ourique que custou tanto sangue aos primeiros reis de Portugal, é hoje um campo deserto; esta falta de homens tem sua razão de ser na visinhança do mar, que incita, depois da descoberta das Indias, os pobres e desgraçados a tentar antes a fortuna das viagens de longo curso, do que ir forçados á guerra. Para moderar esta emigração constante e para que as terras não ficassem em pousio, teve-se em toda a Hespanha e Portugal a idéa de conceder a nobreza com o titulo de escudeiro a todo aquelle que se fizesse agricultor de boa fé; e, como em breve se conheceu que isto não era sufficiente para obrigar os particulares a cultivar a terra, accresceu a esta nobreza a exempção da guerra, o que teria produzido o effeito desejado, se as necessidades do estado não tivessem limitado este privilegio á pessoa do filho mais velho, donde provém que nestes dois reinos ainda se encontram actualmente mais terras em pousio do que agricultadas; pode-se accrescentar *que a grande quantidade de frades, que conventem nestas nações, não pouco contribue para que ellas estejam despovoadas*; a liberdade e impunidade de que gozam é a causa por que muitos mancebos, depois de se terem arrolado em extravagancias e crimes, procuram o convento como asylo, e a maior parte sem deixarem cá fóra seus vicios, o que desvia bastante gente do casamento».

[7] Noticias de Portugal, por Manuel Severim de Faria, pag. 17.

AS NOSSAS GRAVURAS

A TRASLADAÇÃO REAL NA BATALHA

Embora jazessem no sumptuoso mosteiro da Batalha, que bem se deve considerar como pantheon magnifico da dymnastia de Aviz, as ossadas de D. Affonso V, de sua primeira mulher D. Izabel, de D. João II e do malogrado infante D. Affonso, seu filho, não tinham ali sepultura condigna.

A isto se obviou ultimamente, construindo tres tumulos nos ediculos rendilhados do lado direito da capella do Fundador, em frente dos que, do lado esquerdo, encerram os restos de alguns dos filhos de D. João I.

D. João II teve agora segunda trasladação. Da primeira veiu da sé de Silves com um luzido acompanhamento de bispos, frades e fidalgos. D. Manuel, com a sua comitiva, fechava o cortejo. Por essa occasião o cadaver do *Principe Perfeito* foi encontrado incorrupto e n'uma inteireza que a todos admirou, attribuindo-a a sanctidade, circumstancia que o bispo de Fez, que prégou nas exequias na Batalha, soube accentuar.

Agora o esqueleto de D. João II, posto que muito mutilado, conservava em bom estado o arcaboiço, tendo o braço direito despegado e o esquerdo ainda unido ao tronco, vestido com os restos de um saio bordado a ouro. Parte do craneo estava destruido, vendo-se na maxilla inferior dois dentes.

Nas outras sepulturas havia apenas os restos das ossadas.

Os novos tumulos, ou jazidas, e respectivas capellinhas ornamentaes, foram executados pelos operarios canteiros empregados pela direcção das obras publicas do districto de Leiria nos trabalhos de restauração do convento da Batalha. Esses habeis artistas, dirigidos pelo mestre, ha pouco fallecido, Joaquim Maria do Patrocinio, mostraram bem a sua pericia em tão bello trabalho.

Tendo que divergir o desenho dos frontaes dos tumulos em relação do seu destino, foi convidado a elaborar os respectivos modelos o nosso amigo e antigo collaborador sr. João Ribeiro Christino da Silva, ao tempo professor de desenho industrial dos operarios da Batalha e director da escola industrial de Leiria.

O distincto artista desempenhou-se de tão honrosa commissão com superior intelligencia, bem merecendo os maiores louvores.

Existindo em differentes pontos do mosteiro brazões e divisas relativas áquelles principes, e para não sahir do estylo ornamental, foram estes aproveitados para a composição, servindo ainda a flora estylisada, já empregada, para adorno dos mesmos frontaes. Com ligeiras alterações foram approvados e executados os tres modelos desenhados em escala natural. No tumulo de D. Affonso V e Rainha D. Isabel, sua mulher, vê-se ao centro a ordem da Jarreteira com a sua divisa *Honny soit qui mal y pense*, á direita o escudo real coroado com doze castellos e a cruz floreteada de Aviz, e á esquerda o escudo egualmente coroado da Rainha D. Isabel, em que estão em esquartelamento as armas do rei e as de Lencastre, por sua avó D. Filippa, em disposição analoga á do tumulo do Infante D. Pedro; enlaçamentos de heras ligam os brazões; sobre a tabella superior tem as lettras VII e um E seguido de um rodizio de moinho d'agua, dando a divisa: *erro dize-o*, adoptada pelo monarcha, assim como a palavra *Jamais*. O tumulo de D. João II tem o escudo real com corôa, segundo a modificação, que ficou, das quinas na mesma posição, sem cruz d'Aviz, e sete castellos, escudo que se observa nas Capellas Imperfeitas, assim como o pelicano e a rede, emblemas do reinado, collocados estes de cada lado n'uns circulos decorativos; pés de roseiras bravas ornam os intervallos, e na tabella lê-se a celebre divisa do rei: *Pro lege pro grege*: Por sua lei, por sua grey.

Tanto n'este tumulo como no antecedente, os feretros de pedra teem collocados superiormente, além das quinas, uma corôa real.

O tumulo do infante D. Affonso tem repetidos o escudo do infante com o banco de pinchar, e rosas estylisadas ornamentam e preenchem os intervallos e a tabella superior.

* * *

No dia 28 do mez findo, com a maior solemnidade e magnificencia, effectuou-se a trasladação das venerandas reliquias para as suas novas jazidas. A' ceremonia, para a qual se fizeram custosos preparativos, assistiram suas magestades e altezas, que na madrugada d'aquelle mesmo dia sairam da capital em direcção á Batalha.

Chegados ao historico mosteiro, já bem conhecido dos nossos leitores, que ainda no principio do presente volume podem admirar uma das mais bellas vistas do notavel monumento, seguiram suas magestades para a capella do Santissimo, onde fizeram oração, passando depois á sala do Capitulo, tiradas da eça armada as tres urnas, para as quaes na vespera se tinham mudado as ossadas, e levadas processionalmente para a capella do Fundador.

A primeira urna, encerrando os restos de D. Affonso V e da Rainha D. Isabel, foi collocada ao fundo, no ultimo dos novos tumulos; a de D João II no do centro; a do principe D. Affonso no do extremo.

O auto da trasladação, consignando a visita regia e uma minuciosa descripção de todo o acto, foi assignado por suas magestades, pela corte, auctoridades e outras pessoas.

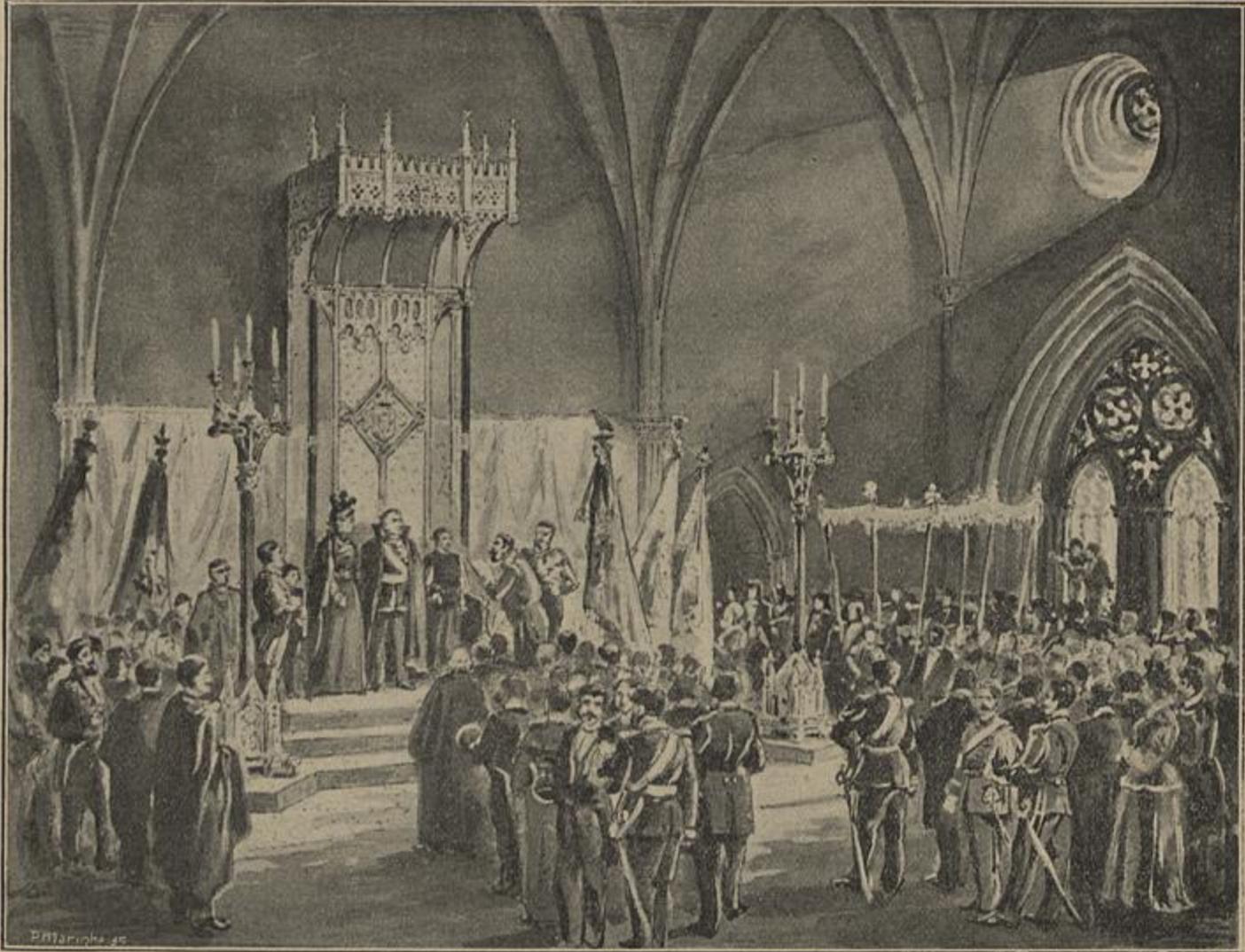
Ao cahir da tarde effectuou-se o regresso da familia real e convidados, chegando a Lisboa o comboio cerca das 11 horas da noite.

Tanto na ida como na volta receberam em todo o percurso suas magestades as mais enthusiasticas saudações.

se o 2.° e 3.° actos da opera *Saffo*, de Massenet, 3.° acto da opera *Andrea Chénier*, de Giordano, e a romanza do *Salgueiro* e *Ave Maria*, da opera *Otello*, de Verdi.

Em 8 de março, 8.ª recita de assignatura extraordinaria, festa artistica de De-Lucia, deu-se a opera *Bohème*, de Puccini, e De-Lucia cantou a serenada da opera *Iris*, de Mascagni, a romanza *Suon di bacci*, de Baldelli, e a canção *La donna é mobile*, da opera *Rigoletto*, de Verdi.

Em 17 de março, em beneficio do Instituto Ultramarino, representou-se a opera *Mefistofele*, de Boito. Antes da opera, a actriz Virginia recitou a poesia *Divina divida*, de Lopes de Mendonça. A tribuna real estava aberta e ornada com a estatua da *Caridade*, de Simões d'Almeida, e decorada com muitas plantas. Dirigiram a ornamentação Gouveia Pinto e o jardineiro Cayeux.

Em 20 de março em beneficio das Missões Ul-

A TRASLADAÇÃO REAL NA BATALHA — A RECEPÇÃO REAL NA CASA DO CAPITULO

Desenho do sr. J. R. Christino da Silva

na qual se encontrava armado um riquissimo e artistico throno, rodeado de candelabros no estylo gothico, com dourados sobre vermelho.

Teve logar aqui a recepção, que foi muito concorrida, terminando ao meio dia. Suas magestades dirigiram-se então para a sala de D. Fernando, adornada de reposteiros amarellos, e onde estava posta a meza para o almoço.

N'ella tomaram logar, além da familia real, a corte, os funccionarios civis e militares do districto, o sr. cardeal patriarcha, o sr. bispo-conde, etc. cerca de trinta pessoas.

Findo o almoço suas magestades foram visitar as Capellas Imperfeitas, vindo depois para a igreja, assistir á missa em que officiou o rev. Ruas d'Abreu e prégou o conego sr. Alves Mendes, produzindo uma formosissima oração.

Ao *libera-me* foi o sr. cardeal patriarcha quem officiou, cantando todos os cantores da sé.

Os canticos religiosos, resoando pelo templo, davam á ceremonia um tom extraordinario, a que se juntavam os accordes d'uma orchestra composta de 46 musicos.

Em seguida realisou-se a trasladação, sendo re-

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 825)

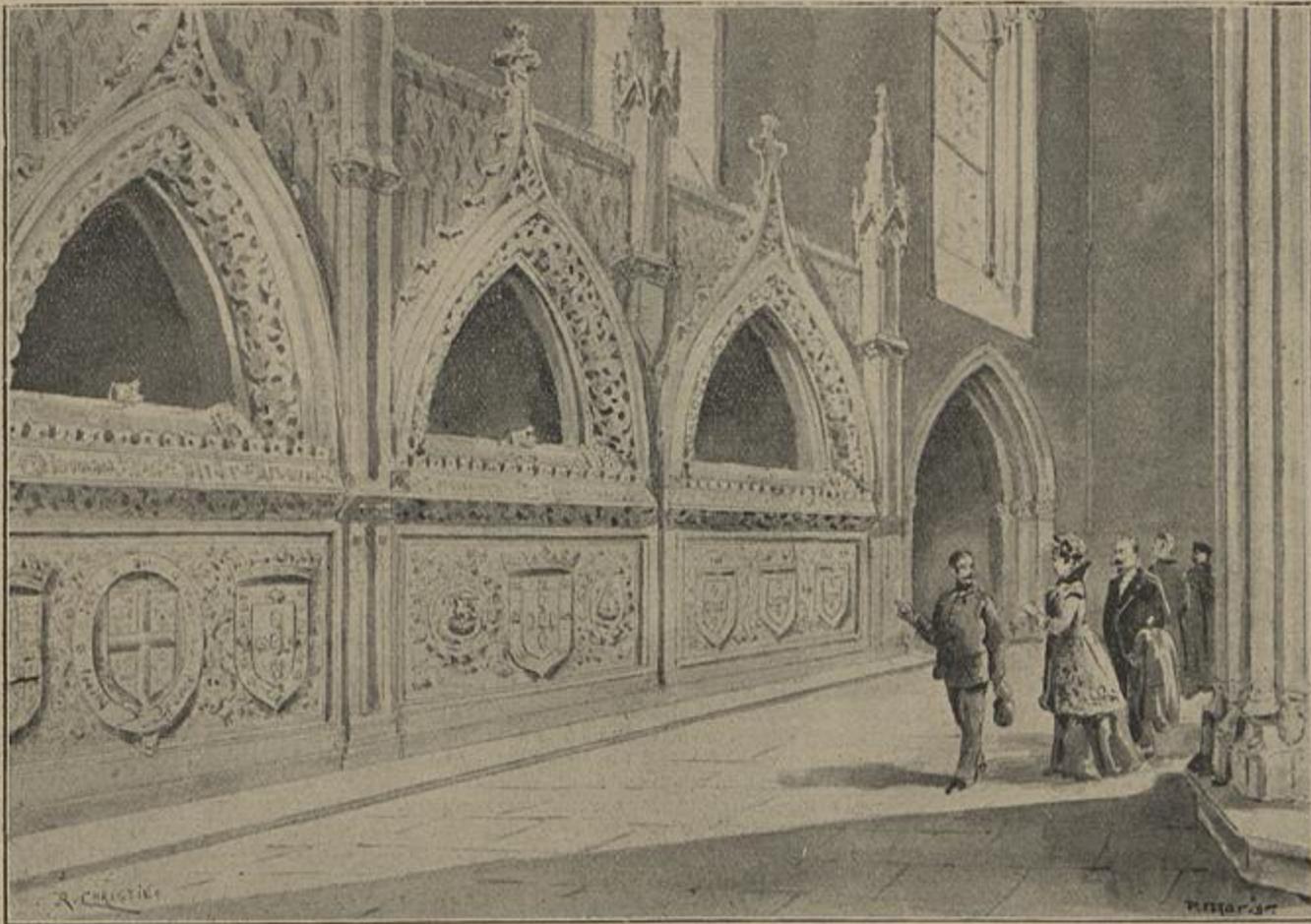
1898-1899

Em 14 de fevereiro de 1899, terça feira de entrudo, houve recita extraordinaria fóra da assignatura; deu-se a opera *Barbiere di Siviglia*, de Rossini, desempenhada por mulheres como já dissemos. Depois houve baile de mascaras, sendo as ornamentações da sala do scenographo Rovescalli, de Milano; tocou uma banda dirigida por José Rodrigues.

Em 20 de fevereiro, 5.ª recita de assignatura extraordinaria, festa artistica de Mario Ancona, representou-se o prologo e 1.° acto da opera *Fausto*, de Gounod, a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo, e cantou Ancona as romanzas: *Occhi di fata*, de Denza, *La fermière*, de Guy d'Herdelot, *Malia*, de Tosti, *Voi siete d'Alba*, de De-Leva, *Amour captif*, de Chaminode.

Em 27 de fevereiro festa artistica de Tetrazzini, 7.ª recita de assignatura extraordinaria, deu-

tramarinas e das officinas de S. José, deu-se a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo, e o epilogo da opera *Mefistofele*, de Boito. De-Lucia cantou: *Ideal* de Tosti, *Al suon di bacci*, de Baldelli, *La donna é mobile*, da opera *Rigoletto*, de Verdi, e uma canção napolitana. Ancona cantou *Aprile*, de Tosti, *Dis-moi que tu m'aimes*, de Hesse, *Cuando tu sarai vécchia*, de Tosti

Em 24 de março, em beneficio da Associação da Imprensa, representou-se a comedia *O desquite* pela companhia do theatro D. Amelia, o 1.° acto da opera comica *Boccacio*, de Suppé, pela companhia do theatro da Trindade, isto é por Palmyra Bastos, Amelia Barros, Maria Costa, Aurelia dos Santos, Rosa Paes, Julia de Castro, Augusta Martins, José Ricardo, Queiroz, Augusto, Correia, Sá e Roldão, dirigido pelo maestro Luiz Filgueiras; a scena comica *Um amador de S. Carlos*, pelo actor Ignacio, do theatro do Gymnasio; preludio da opera *Lohengrin*, de Wagner, e intermezzo da opera *Serrana*, de Keil, pela orchestra; *Canção do salgueiro* e *Ave Maria*, da opera *Otello*, de Verdi, por Tetrazzini; romanza *Les rameaux*, de Faure, e *serenada* de Tosti, por An-

A TRASLADAÇÃO REAL NA BATALHA — Os novos tumulos

Desenho do sr. J. R. Christino da Silva

cona; duas romanzas por Martelli, a *serenada* de Gounod, e uma romanza por Berlendi, romanza da opera *Gioconda* de Ponchielli, e adagio da aria da opera *Il Trovatore*, de Verdi, por Cartica, adagio da aria da opera *Luiza Miller*, de Verdi, e uma romanza, por Giraud.

Foi esta recita notavel pela semsaboria, má direcção e má execução. O programma em parte errado, em grande parte não foi cumprido. A maior parte dos trechos teve má execução tanto pela orchestra, como pelos artistas; estes, alguns dos quaes eram eximios, n'essa noite foram incorrectos, desafinaram, ou cantaram sem sombra de expressão ou sentimento. Por fim, a anarchia, na sequencia dos trechos, foi tal, em relação ao que o programma promettia, que acabou a recita, faltando muitos trechos, sem que o publico, que não tinha sido prevenido, percebesse que tinha acabado!! foi preciso apagar as luzes, para que os espectadores percebessem que era findo o espectaculo, e se retirassem!!

Em 25 de março, 12.ª recita de assignatura extraordinaria, festa artistica do maestro Campanini, e despedida de Tetrazzini, representou-se: 1.º, 3.º e 4.º actos da opera *Saffo*, de Massenet. A orchestra tocou: Cavalcata da opera *Walkiria*, de Wagner, Dança das Sylphides da *Damnation de Faust*, de Berlioz, *Reverie du soir*, de Saint-Saëns, *Dança d'Anita*, da *suite Peer Gylt*, de Grieg; *Morte de Isolda*, da opera *Tristano e Isolda*, de Wagner, por Tetrazzini; esta cantou ao piano uma romanza de Tosti, e dois fados, sendo um do Hilario.

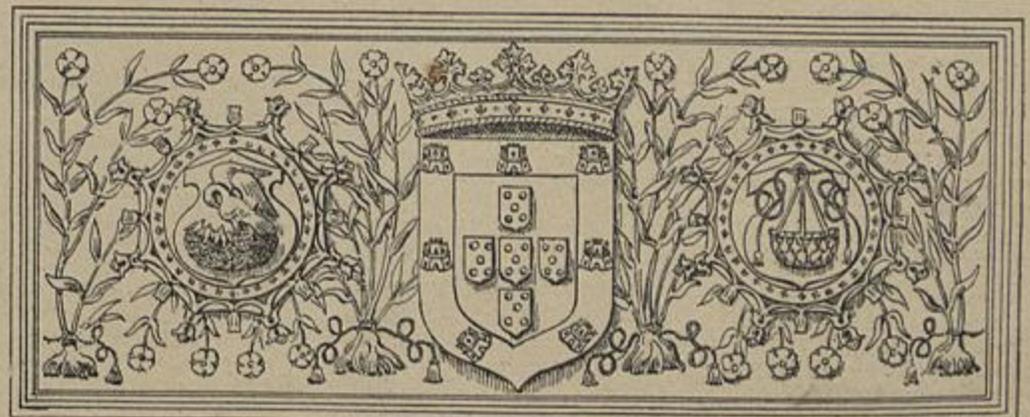
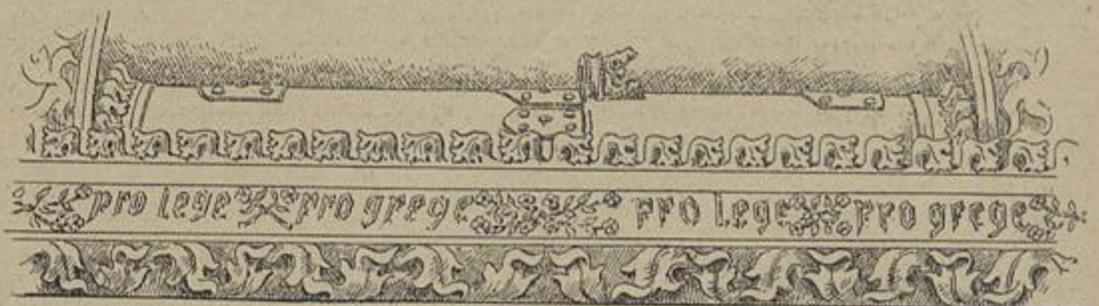
Em 2 de maio, em beneficio da Associação de soccorros a estudantes pobres, deu-se *O sarau do Gaudencio, rapaziada*, de Schwalbach, musica de Filippe Duarte, representado por estudantes, a comedia *Amor por annexins*, *O paiz das vaidades*, quadro da revista *Agulhas e alfinetes*, de Schwalbach, que se representava no theatro da rua dos Condes, uma scena comica pelo actor Valle, e recitou-se o *Cão*, dialogo em verso, de Luiz de Moraes Carvalho, pelos estudantes Paiva Curado e Matta de Oliveira. Tocou piano Rey Collaço, cantou varias cançonetas a actriz Lopiccolo, e tocou a tuna de Lisboa, dirigida por Alfredo Monteiro.

N'esta epocha ouviu-se na scena de S. Carlos, como já dissemos, pela companhia do Theatro da Trindade, musica do maestro Suppé, o famoso auctor do *Boccacio*, *Fatinitza*, *D. Juanita*, e tantas outras operettas, que, traduzidas em muitas linguas, teem corrido numerosos theatros da Europa e da America. Franz von Suppé era austriaco, nasceu em Spalato, na Dalmacia, em 18 de abril de 1820, e falleceu em Wien, na Austria, em 22 de maio de 1895.

A companhia lyrica de S. Carlos, n'esta epocha de 1898-1899, contava numerosas damas, mas em geral era fraca n'esse ponto; abundava porém em tenores bons; assim nem menos de cinco primeiros tenores passaram pelo palco do nosso primeiro theatro lyrico, e d'estes se primava pela excellencia de voz o tenor Carlo Cartica, de que já anteriormente fallámos, sobresaiam todos os outros pelas suas excellentes qualidades como cantores.

Fiorello Giraud era um tenor de voz agradavel e cantor muito correcto, e com bello methodo de canto. Agradou muito, e o publico sympathisou com elle logo desde o principio da epocha.

Carlo Delmas, tenor de uma voz regular, pouco volumosa, era cantor muito abalisado, e sobretudo excellente actor; distinguiu-se especialmente na opera *Werther*, de Massenet.

Guglielmo Ibos, tinha muita boa voz, bella figura e um canto de expressiva largueza; distincto especialmente nos adagios e recitativos;

A TRASLADAÇÃO REAL NA BATALHA — O tumulo de D. João II

Desenho do sr. J. R. Christino da Silva

sobresaiu no *Lohengrin*, cujo papel desempenhou e cantou de um modo superior.

Fernando De Lucia, tenor *de mezzo carattere*, era deveras superior pelo seu primoroso canto, salientando-se pela delicadeza no *smorzare*, e expressão no canto a *fiore di labbro*. Brilhou immensamente na *Cavalleria rusticana*, e na romanza final do *Mefistofele*.

A nossa já muito conhecida e apreciada Eva Tetrazzini, apresentou-se n'esta epocha muito fraca de voz; mas o seu grande talento e habilidade artistica, ainda sobrepujaram aquella fraqueza, e conseguiu distinguir-se e agradar.

Das outras damas apenas merece menção Maria Martelli, bonita e vistosa mulher, de voz agradavel e canto regular, que conseguiu distinguir-se no papel de Museta na *Bohème*, e na opera *Pagliacci*.

Como de costume, seguido n'estes ultimos annos, continuou n'esta epocha a multiplicidade de cantores a desempenharem, nas mesmas operas, os mesmos papeis; o que é completamente antiartistico.

Tambem continuou o detestavel habito de córtes a torto e a direito; desappareceu o 5.º acto da opera *Ugonotti*, o 5.º acto da opera *Africana*, etc.

A epocha lyrica correu muito tranquilla nos primeiros tempos. Os amigos do anterior emprezario, que na ultima estação theatral

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

A luz *diffusa*, é a luz reflectida em todos os sentidos, pelas moleculas do ar que nos permitte ver, durante o dia, nos logares não attingidos pelos raios solares.

Outro effeito optico do ar, é o *luar*. É á luz do sol reflectida até á superficie da terra, pela lua, que se attribue o luar, que vem illuminar o nosso planeta, durante a escuridão profunda da noite. Na Europa como nas zonas temperadas, a lua attinge a sua maxima altura acima do horizonte, quando *cheia*, maior no inverno do que no verão, facto devido a que o caminho que ella percorre é identico ao do sol. Quando o nosso satellite nos apresenta a sua face illuminada, acha-se em opposição ao sol, isto é, no ponto em que este se achava situado seis mezes antes. Assim, no verão, a lua está no logar que o sol occupava no inverno, e vice-versa.

—Nos nossos climas, o luar menos intenso é o da primavera. E' entre os tropicos que estes são mais encantadores, devido a que a altura a que a lua se eleva acima do horizonte é sempre maior n'esses pontos, visto que n'essas regiões o sol elevando-se duas vezes por anno, ao maximo da sua altura, a lua, occupando seis mezes depois, essas regiões, o luar attinge o maximo do seu esplendor. Além d'isso a transparencia da atmosphera intertropical favoriza a intensidade lunar.

Avalia-se a claridade lunar na trigesima millesima parte da do sol, podendo esta produzir á superficie da terra, uma elevação de temperatura correspondente a 12 millionessimos de grau.

Temo-nos occupado, até agora, dos meteoros luminosos que diariamente se observam, independentemente do estado da atmosphera. Vejamos agora aquelles que só se produzem, mediante certas circumstancias.

Consideremos, primeiro, o *arco iris*.

O phenomeno é mais ou menos conhecido. Todos teem observado, assistindo ás regas dos jardins, na occasião em que o sol brilha, á formação de um pequeno arco circular, representando as côres do espectro solar. Este phenomeno é perfeitamente analogo ao grandioso arco-iris que observamos no céu. Para que este se produza, é necessario a existencia do seguinte:

1.º Gottas de agua.
2.º Presença do sol.
3.º Situação precisa do observador, entre as gottas de agua e o sol.

Para que se observe o phenomeno, é indispensavel voltar as costas para o sol. D'esta forma, os raios solares illuminando a gotta d'agua são reflectidos e refractados por ella.

Eis como Flammarion explica o phenomeno:

Supponhamos o circulo A, uma gotta d'agua. Um raio de sol attinge o ponto I, penetra no interior d'esta, desviando-se da sua posição recta positiva, devido á passagem de um meio menos denso para outro mais denso. Chegando ao ponto A, reflecte-se e volta, de novo, em caminho do sol, seguindo a direcção AI' onde em I', soffre de novo uma refracção pela passagem da agua para o ar, dando-nos a linha AM. Este raio que era branco antes da entrada na gotta d'agua, decompõe-se nas sete côres espectraes (vermelho-alaranjado-amarello-verde-azul-anilado e roxo).

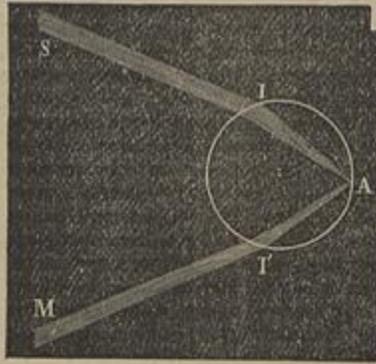



Fig. 17

Os raios da extremidade vermelha do espectro desviam-se por cada reflexão directa, desvio que augmenta successivamente até ao violeta, de forma que, se o raio violeta attinge o olho do observador, os outros affastam-se d'elle. Isto, se attendermos a uma só gotta d'agua, porém uma outra, menos elevada do que esta, pode fazer com que os raios violetas o attinjam. O observador presenceará por conseguinte, na direcção das gottas, uma camada vermelha na parte mais alta, e outra violeta, na mais baixa. As gottas intermedias enviarão directamente todas as outras côres e espectraes entre o vermelho e o violeta. D'esta forma, teremos constituido o espectro solar.

Imaginemos agora uma superficie conica cujo eixo seja a linha tirada do olho do observador para o sol, passando pela gotta d'agua. Cada uma das gottas existentes n'essa superficie dá um effeito semelhante, visto que o angulo que forma com o sol e o observador, é egual. D'esta forma, teremos um conjuncto de espectros formando uma cinta circular nas quaes as côres se succedem pela ordem indicada, o violeta na parte de dentro e o vermelho na de fóra. Emquanto as gottas se succederem, na mesma região do espaço, o phenomeno subsiste. Pelo calculo se demonstra que o angulo do cone dos raios vermelhos é de 32º,20' e o dos violetas, 40º,30', tal é a distancia do arco ao centro, ponto onde se projectaria a sombra da cabeça do observador. Diametro total do arco 84º. Largura do arco 2º, ou seja pouco mais ou menos quatro vezes o diametro apparente do sol.

Sabendo que o arco-iris é devido á refracção dos raios solares pelas gottas d'agua, poderemos calcular a sua grandeza e condições da sua formação.

O sol, quando no horizonte, ainda é attingido pela sombra da cabeça do observador, e como o eixo do cone abaixa, segue-se que veriamos um semi-circulo de diametro apparente de 41º. Apenas o sol se elevar, o eixo do cone abaixa, e o arco torna-se menor. Se o disco solar attinge 41º, o eixo do cone formando um angulo do mesmo numero de graus com o plano do horizonte, o arco torna-se tangente a esse plano. Por isso, o arco-iris é invizivel, no verão, cerca do meio dia. Se o sol ainda estiver mais elevado, a sombra do arco projectar-se-hia na terra, e o phenomeno não se tornaria vizivel.

Um outro arco, que, em geral, tambem apparece, deixa de ser vizivel quando o sol se encontra á altura de 52º acima do horizonte. Tem as mesmas côres do primeiro, mas invertidas, e um pouco mais pallidas.

A zona comprehendida entre os dois arcos apresenta um aspecto grisalho.

Eis a explicação do arco iris. Se mais reflexões se produzirem, formar-se-hão outros tantos arcos, cada vez mais parallelos, os quaes se tornarão inviziveis, pela luz diffusa.

Apezar d'isso, muitas vezes se tem presenceado um terceiro arco, e ainda um quarto, ao lado do principal. Em 1877, observou-se em Portugal um arco quintuplo.

Outro phenomeno optico. As *anthelias*, nome derivado do facto do phenomeno se produzir, como o arco iris, do lado opposto do sol.

Nas altas montanhas, tem-se varias vezes notado a sombra d'estas, desenhadas no espaço, na occasião dos nevoeiros ou ainda, em montes proximos, ou mesmo a sombra dos individuos que permaneçam n'esses montes.

Entre os phenomenos d'esta especie, citaremos o denominado *espectro* de *Brocken*. O nome é devido a ter sido observado o phenomeno pela primeira vez, em *Brocken* (monte do Hanover, situado a 1.100 metros acima do nivel do mar, e em cujo cume se observa uma planicie com a extensão de 70 leguas, e que nos tempos passados se julgou habitada por feiticeiros.

Eis como Hane descreve o phenomeno:

«Subi ao *Brocken*, em 1797, n'uma manhã limpida e o ar sereno. O vento impellia para oeste, vapores transparentes que originavam nuvens. Pouco depois o meu espectro, com apparencias gigantescas, formava-se no ar, reproduzindo os meus movimentos.

Os arcos que envolvem as sombras são, em geral, incolores mas varias vezes coloridos.

Este facto é attribuido á difracção da luz produzida sobre as vesiculas das nuvens. Por este motivo, a luz soffre um desvio, ao mesmo tempo que é decomposta d'onde resultam, nas sombras dos corpos, effeitos muito curiosos.

— Quando o céu se acha levemente encoberto, observam-se em torno do sol ou lua, dois circulos concentricos. São os *halos*.

As *parrhelias* ou *falsos-soes* são manchas luminosas córadas de vermelho, que se notam á direita e esquerda, do *halos* a egual distancia de 22º, simulando uma imagem, embora grosseira, do sol. Quando este phenomeno se produz em torno da lua, chama-se *Paraselene* ou falsas *luas*.

A causa dos *halos* é devida a filamentos de neve em forma de prismas triangulares. Desde que estes prismas se tornam verticaes, o *halo* desapparece, sendo substituido por duas *parrhelias* ou *paraselenes*. Quando o *halo* apparece, ha sempre na atmosphera umas nuvens ligeiras *(cirrus)* sobre as quaes se produzem os phenomenos.

Muitas vezes, esses *cirrus* fundem-se em uma só massa, de modo que facilmente se vê o seu contorno. São, em geral, prenuncios de mau tempo. São devidos ao facto da luz, provindo de qualquer dos dois astros, ser reflectida pelas pequenas particulas de agua ou gelo existentes na atmosphera.

As *corôas* são egualmente circulos de menor diametro que os *halos*, mas de côres invertidas. Observam-se egualmente em torno do sol ou da lua, attribuindo-se a vapores vesiculares que se interceptam entre qualquer dos astros e o observador.

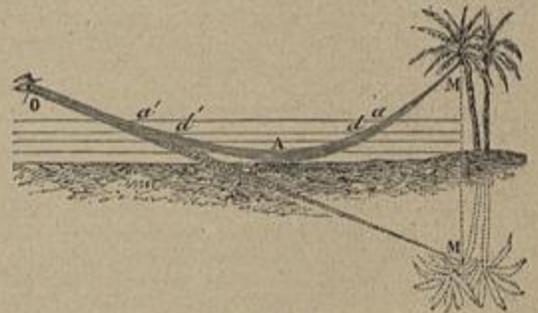



Fig. 18

Miragem. Dá-se este phenomeno quando os raios luminosos, antes de alcançarem a vista do observador, soffrem um desvio, resultante de differenças de densidades das diversas camadas do ar.

Os raios luminosos, passando de um mais denso para outro menos denso, soffrem um desvio. Quando, porém, esse angulo de desvio, attingir o limite, dá-se a reflexão total, e então os raios reflectidos sobem.

Um raio luminoso parte de M; refracta-se successivamente em *a* e *d* affastando-se da normal. A uma certa distancia, a sua direcção coincidirá com a camada de ar A, que fará o effeito de um espelho. Então, os raios solares soffrerão um desvio contrario a esse, isto é, approximar-se-hão da normal. O observador em O, verá objecto no prolongamento da linha *O a d*, isto é, em M', distancia egualmente affastada do objecto, mas em sentido diverso. Este phenomeno observa-se em geral nos paizes de planicies arenosas, dando-nos muitas vezes a illusão de nos encontrarmos em pleno mar.

(Continúa). *Antonio A. O. Machado.*

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

— Queria ver em que foi que não respondi bem.

— Em tudo deste boas respostas.

Eyvind olhou para elle com duas grandes lagrimas nos olhos. Correram-lhe pelas faces, uma a uma, mas já não dizia nada. O mestre sentou-se defronte d'elle.

— Deves estar contente, disse. E tanto como tu, teu pae e tua mãe.

Eyvind luctava contra a colera que n'elle excitavam as palavras de troça. Por fim não se conteve.

— E' porque sou filho d'um trabalhador? perguntou com voz baixa e tremula. E' porque nasci de gente pobre que me deram um mau logar?

— Provavelmente, respondeu o mestre.

— Então, continuou Eyvind, mais triste do que resentido, não me vale a pena estudar!

Todos os sonhos se lhe desvaneceram como fumo. De subito cobrou animo, deu um murro na mesa e desatou a soluçar. O mestre deixava-o chorar para o castigar d'aquelle accesso de raiva. Mas logo que o accesso passou e Eyvind só chorava como as crianças, com queixumesinhos abafados, pegou-lhe na cabeça com ambas as mãos, limpando-lhe as lagrimas.

— E cuidas tu, Eyvind, que Deus esteja comtigo n'este momento? perguntou-lhe.

Eyvind não se atrevia a responder nem a olhar para elle.

— O que te succede mereceste-o, continuou o mestre, pois que se foste zeloso no estudo, nem foi com uma piedosa idéa nem por affeição a teus paes. Foi apenas por orgulho.

Sob a influencia de tão severas palavras, voltava a Eyvind a doçura e a humildade.

— E pensas, continuou o mestre, que Deus esteja disposto a alliar-se comtigo, quando te entregat á tua ira?

— Não, murmurou o rapaz.

— Eyvind, ainda és meu amigo?

— Sou, respondeu Eyvind.

Mas os labios tremiam-lhe.

— Pois saberás que fui eu quem te deu um mau numero, e por ser teu amigo. Nem por isso has de ficar zangado.

Eyvind poz-se a olhar para elle, soltando gritos desesperados.

— Vem, disse-lhe o mestre, hei de cuidar de ti, querido filho, emquanto fôr vivo.

Eyvind, sempre chorando e gritando, juntava os livros. Tomaram o caminho da casa de Pladsen.

— Agora é que deves cuidar, disse o mestre, de fazer uma coisa séria na vida. Foi-se o tempo de correr atraz de numeros e sombras. O melhor seria entrares na Escola de Agricultura.

— Isso era bom, disse Eyvind com a voz entrecortada; mas se não podemos pagar!

— Sê bom e trabalhador, Deus te dará o que fôr preciso.

Eyvind sentiu como um balsamo de gratidão espalhar-se-lhe no peito. O que quer que fosse lhe dizia que o mestre era bom e só apparenta sua injustiça.

Entretanto o pae e a mãe esperavam-o em casa e o santo homem não tinha ido para os moinhos. Para entreter o espirito ia lendo um psalmo, mas pouco attentava no que lia.

A mãe nada queria perguntar, mas as mãos tremiam-lhe.

— Estimo poder participar-lhes, disse o mestre, que seu filho respondeu bem a todas as perguntas. O pastor é de opinião que é o mais intelligente de quantos alumnos tenho tido.

— Sim! murmurou a mãe.

— Deve ser verdade, accrescentou o pae.

— E então que numero lhe deram? perguntou a mãe.

— Isso agora, respondeu tranquillamente o mestre, por ahi o nono ou o decimo...

A mãe olhou para o marido e depois para o filho.

— Um filho de trabalhador que mais havia de querer? continuou o mestre. E agora volto para casa.

O moleiro e a mulher acompanharam-o até á rua. Ahi disse-lhes a sorrir:

— Eyvind obteve o n.º 1; mas só deve sabel-o quando chegar um certo dia.

VII

O ADEUS

Entretanto, tudo se ia preparando em casa de Pladsen para a viagem até a Escola da Agricultura e ao mesmo tempo para a confirmação. Já nem sahiam de casa alfaiate e sapateiro. A mãe do Eyvind cosia uma fornada de pão emquanto o marido estava concertando uma arca, e iam conversando.

Quanto não lhes ia custar o filho por aquelles dois annos! Voltaria elle a casa no segundo anno pelas festas do Natal? Era ou não cruel por tanto tempo separarem-se assim do filho unico? Que gratidão não mereciam áquelle filho por quem tudo sacrificavam, só pela vontade de vel-o instruido e apto para um bom logar na vida!

Eyvind já nem sabia ás quantas andava depois de quanto experimentára n'aquelles ultimos dias. Olhava para si como navegador que, tendo de ir correr terras, visse a sua barca afundar-se. Seus revezes no exame inspiravam-lhe um grande sentimento de humildade para o futuro. Estava a chegar o grande dia e sentia o coração bem preparado. Quando a seus olhos lhe surgia a imagem de Marit, affastava-a com violencia; mas precisava de muita coragem.

Na ultima tarde, sentindo-se muito triste e cançado, rogou a Deus que o poupasse áquella prova.

O mestre-escola chegou um pouco mais tarde do que o costume. O velho poz-se a cantar psalmos e todos rezaram pelo que no dia seguinte devia de ser confirmado.

Quando Eyvind se foi deitar, ia dizendo comsigo que nunca se achára tão feliz. E que nunca assim se achára submisso á vontade do céu. Appareceu lhe ainda ante os olhos a imagem de Marit. N'um sonho dizia-lhe ella:

— Pensas que és feliz; nunca o has de ser completamente sem mim.

— Hei de sel-o, respondia elle, porque nunca mais me appetecerá ver-te.

— Não dizes verdade, não dizes verdade! respondia ella.

Eyvind, no dia seguinte, lavou-se, penteou-se e começou remirando o fato novo, que nunca, outro assim tivera tão bonito. Havia sobretudo um casaco de côrte redondo que lhe causava admiração. Vestia-o e logo o tirava para melhor o observar. Acabou por fim de vestir-se e mirou no espelho seu rosto de rapaz envolto em cabellos loiros.

Assentou em que não era feio de todo; mas logo se arrependeu d'aquelle novo accesso de vaidade.

— Entretanto, dizia entre si, não fica mal a ninguem gostar de se vêr limpo e bem vestido... Sim, mas nada de amor proprio... Ora adeus! O Senhor deve gostar de baixar seus olhos sobre uma criaturinha que se paramenta por sua honra... Mas será para honrar a Deus ou a si proprio que um homem se arranja?

Eyvind concluiu por todas estas considerações que é coisa perigosa vestir um fato novo para a confirmação. Mas, emfim, se era esse o costume...

Quando desceu, já os paes estavam promptos; a mãe estava atando o lenço e partiram para a egreja. Ia immensa gente pelo mesmo caminho, uns a pé, outros em carretas. Era um dia d'outomno sem sol. As nuvens amontoavam-se por momentos, e logo, dispersando-se, fugiam atravez do céu pardacento. Na terra, tudo era calmo; mal, no cimo das arvores tremiam as folhas amarelladas; por um triz não fazia calor.

O mestre-escola de casaca e calções azues, de grandes botas e gravata engommada, veiu ter com as crianças que se dirigiam para a egreja. Batia no hombro d'um, fazia uma festa a outro, ria e com todos falava. Chamou Eyvind para um canto.

— Agora, ouve, disse-lhe. Estou contente comtigo, Eyvind, e posso agora dizer-t'o: Obtiveste o n.º 1.

Eyvind fez-se todo corado. Tornou-se tão modesto que murmurou:

— Decerto foi porque se empenhou por mim com o pastor.

Repicavam os sinos. Entrou tudo na capella. Então Eyvind avistou Marit.

Mas tão commovidos estavam com a santidade do logar, que nem um pequeno signal fizeram um ao outro. Eyvind, entretanto, notou que nunca assim a vira tão bonita, porque tinha a cabeça descoberta e os cabellos cahidos.

Finda a ceremonia, os parentes e conhecimentos do lavrador vieram dar os parabens a Eyvind; depois foi a vez dos companheiros que já sabiam que elle partia no dia seguinte. Os pequeninos, que elle arrastára no trenó desde o alto da montanha, apertavam-lhes os corações lembrando-se de que elle se ia embora. O mestre-escola foi o ultimo a vir ter com elle e acompanhou a casa Eyvind, bem como os paes, que iam bastante apoquentados.

E que os ralava aquella separação por dois annos, embora não quizessem confessal-o. O mais acabrunhado de todos era o Eyvind. Saiu para respirar um bocado o fresco da noite.

Tudo era escuro e o vento soprava com força. Entretanto pareceu a Eyvind que ouvia pronunciarem-lhe o nome lá do lado das ribas. Devia de ser um sonho! .. A voz tres vezes repetiu:

— Eyvind!... Eyvind!... Eyvind!

Descobriu o vulto de uma mulher entre as arvores.

— Quem me chama? perguntou.

— Disseram-me que te ias embora. Fala baixo. Não quizeste vir ter comigo, vim eu ter comtigo para te dizer adeus.

— Senhor Deus! E's tu, Marit! Vou subir ás ribas.

— Não! não!... Esperei tanto tempo, que já pouco me posso demorar. Ninguem sabe onde estou e devem de andar á minha procura lá em casa.

— Fizeste bem em cá vir.

— Não podia com a idéa de que te fosses sem nada me dizeres, Eyvind. Não te lembras de como fomos amigos quando eramos pequeninos?

— E' verdade, Marit.

— E ha seis mezes que não falavamos um com o outro!

— Marit, eu quero ir ter comtigo.

— Não, não! não subas. Dize-me só que não estás zangado comigo.

— Deus do céo! como foi que tal cuidaste?

— Então adeus, Eyvind, e obrigada pelo tempo que passámos juntos.

— Marit!... Marit!...

— Não, não me atrevo a demorar-me. Eyvind, adeus!

Quando voltou para casa, ia como que dentro d'um nevoeiro; respondeu destrahidamente aos paes e ao mestre-escola, o que elles suppozeram dever ser das saudades. Nem deu ao principio attenção ao que lhe disse o mestre, que á despedida lhe metteu na mão um papel amachucado. Era uma nota de vinte e cinco species.

Mal pensavam os paes e o mestre que nem por sombras Eyvind se lembrava das viagens, mas só da Marit, só da Marit, pois não quizera que elle partisse sem lhe vir dizer adeus.

VIII

CARTAS DE CASA E DA ESCOLA DE AGRICULTURA

«Queridos paes.

«Trabalhamos a valer, por isso já não andamos mais atrazados que os outros, já vêem que não é coisa difficil. Quando voltar para casa hei-de fazer grandes mudanças no modo de cultivar as terras. Hei de pôr tudo a direito, visto que já aprendi muita coisa.

«Todos por cá dizem que o João Hatlen não é tão intelligente nem instruido como por ahi se cuida. Como tem terras suas, está no seu direito de as cultivar ao avêsso do que deve.

«Ha rapazes, que logo ao sahirem d'aqui, ganham grandes ordenados. O motivo é o ser a nossa Escola de Agricultura a melhor d'esta região. Estudam-se aqui duas coisas: theoria e pratica, que uma sem outra para nada presta. Entretanto, a pratica vale mais.

«Creio que não ha no mundo homem de mais saber do que o nosso superintendente dos estudos; e verdade é que o inspector tambem sabe muito. Escreve-me o mestre escola perguntando-me se vou á egreja; vou muita vez. O pastor tem agora um vigario que prega uns sermões pasmosos: é um gosto ouvil-o. Pertence á nova religião de Christiania; ha muitos que o acham severo de mais; mas cá por mim creio que é assim que me convem.

«Estudamos muito a historia. E' extraordinario o que se tem passado por esse mundo e sobretudo cá na nossa terra. Creio que sahimos sempre victoriosos, excepto quando outros mais fortes levaram a melhor. Nenhuma nação tem tanta liberdade como nós com excepção da America; mas ali não se é feliz. Devemos amar a nossa liberdade mais que tudo n'este mundo.

«Quando o mestre-escola me responder por meus paes, digam-lhe que me dê noticias dos meus amigos, pois por elle é capaz de não pensar em tal.

Eyvind Pladsen.»

«Queridos paes.

«Tivemos agora exame. Fil-o distinctamente em escripta, trigonometria, mas só sufficientemente em composição. Parece que não li ainda bastante, por isso o superintendente fez-me presente de muitos livros. Nós cá norueguezes andamos muito atrazados; vamos aprender tudo com os escocezes; os suissos e os hollandezes dão-nos lições. Tambem os malditos suecos sabem mais do que nós.

«Vae fazer um anno que aqui estou; aprendi muita coisa boa; mas parece-me que o chão da nossa terra é tão pobre, que não dá ao trabalhador compensações de seu trabalho.

«Já estou na primeira classe. Só tenho um desejo, é de voltar para casa e arranjar um logar. Adeus, queridos paes.»

«Querido mestre.

«Venho pedir-lhe o favor de mandar ao seu destino a carta que junto remetto, sem dizer palavra a quem quer que seja. Se entender que não deve fazel-o, queime-a.

«Á MUITO ILLUSTRE
SR.ª MARIT KNASDATTER NORDISTUEN,
NO MAIS ALTO CASAL DE HEIDE

«Vai espantar-se de receber uma carta minha, mas é só para saber como tem passado. Responda-me, se quizer. Quero accrescentar que d'aqui a um anno terei terminado os meus estudos.

«Muito respeitador

Eyvind Plodsen.»

A EYVIND PLADSEN
NA ESCOLA DE AGRICULTURA

O mestre-escola entregou-me a sua carta. Respondo-lhe porque o deseja. Mas faz-me um certo medo, pois sei que está um sabichão. Tenho aqui um manual que ensina a escrever cartas, mas nada traz que me convenha. Quero só dizer-lhe o que penso, nada mais; olhe para as minhas boas intenções, que devéras são boas. Quero crer que não mostrará a minha carta a ninguem. Se a mostrasse é porque não seria como o julgo. Tambem não a guarde, porque lh'a poderiam apanhar. Promettame que a queima. A colheita foi muito boa; as batatas estão carissimas; mas os ursos andaram terriveis e deram-nos cabo de duas vaccas. Estou tecendo uma grande peça de panno, como o que nos vem da Escocia. E' muito difficil. Agora que mais lhe direi? Que estou sempre em casa e que certas pessoas estimariam ver-me lá por fóra. Adeus.

«Marit Knasdatter»

A EYVIND
ALUMNO DA ESCOLA DE AGRICULTURA

«Muita vez lhe disse, Eyvind, que boa herança ha de receber o que fôr sempre com Deus. Não se deixe enlevar muito em certos pensamentos e não deixe consumir-se seu coração, por que seria adorar não o verdadeiro Deus, mas outro. Pae e mãe vão bem. Eu soffro da anca, onde, n'outros tempos, na guerra, fui ferido. Mas velhos não devem queixar-se. A sabedoria escorre dos ferimentos como o sangue e os pesares ensinam-nos a paciencia. Um homem deve conservar todas as suas forças para a ultima viagem. Pego na penna hoje sobretudo por amor da Marit, menina que vive no temor de Deus, mas que tem pé leve como as cabras montezas e cujos pensamentos são muito variaveis. Ha corações que não devem ser tentados para além de suas forças. Marit é muito voluvel. Cá lhe fiz entrega da sua carta e ella abalou escondendo-a no peito. Se Deus, Eyvind, quizesse favorecer seus sentimentos, nada tenho que dizer, pois a todos os rapazes dá gosto olhar para ella. Couberam-lhe em partilha bens da terra e um bocadinho dos do céo, apesar de sua inconstancia. O temor de Deus está em sua alma como agua em tanque de pouco fundo; se chove não falta; mas, mal brilha o sol, logo se evapora. Eyvind, nada mais posso accrescentar; quando escrevo muito, põem-se-me os olhos logo a chorar. O Senhor seja comsigo e lhe encaminhe os seus desejos. Está escripto: «Mais vale uma mão socegada, que duas a tremerem com febre.»

(Continúa) *«Seu velho mestre».*

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

FRANZ VON SUPPÉ

JULES MASSENET

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Liga Portalegrense contra a tuberculose — *Sanatorio para tuberculosos em Portalegre — Communicação apresentada ao Congresso dos nucleos da Liga Nacional contra a tuberculose (Lisboa, abril de 1901) por Severino Sant'Anna Marques.*

N'esta pequena memoria, cujo assumpto os titulos acima transcriptos indicam claramente, diz o auctor, depois de demonstrar a immunidade que Portalegre apresenta á terrivel tuberculose, qual o melhor logar para ali se erigir um sanatorio, que é n'um planalto da vertente sul da serra de S. Mamede, a 1:025 metros de altitude, com magnifica situação, exposição luz e abundancia de aguas, e onde existem restos d'um convento, que conviria aproveitar. Segundo a affirmativa do sr. Severino Marques, em pouquissimos pontos do paiz haverá um sitio que melhor satisfaça aos requisitos da hygiene e ás exigencias da economia.

A memoria é bastante lucida e esclarece muito a questão, offerecendo dados interessantes ácerca de Portalegre, que o auctor conhece per feitamente pela clinica que n'essa cidade tem feito.